

NEGOCIOS FLORESTAIS LUTAM PARA SE MANTEREM NO MERCADO NO ATUAL QUADRO DE FORTE INSTABILIDADE

A conjuntura do Centro de Inteligência em Florestas (C.I. Florestas), neste mês de maio de 2016, analisa os comportamentos dos principais segmentos do setor florestal brasileiro. Considerando o contexto econômico e político nacional atual, percebe-se que a instabilidade política e econômica do Brasil tem causado a estagnação e indecisão entre as instituições públicas e privadas do país. No entanto, como já ressaltado em análises conjunturais anteriores, a demora na busca da retomada do crescimento econômico e da estabilidade política tem causado danos importantes, pois retarda as ações, muitas vezes emergenciais, que visam estancar o avanço da crise.

A demora em direcionar o caminho para a recuperação econômica está corroendo a fraca capacidade de alguns segmentos do setor florestal em se manterem com alguma sustentabilidade nesse período de crise.

De modo geral, somente o segmento de papel e celulose, historicamente bem estruturado do ponto de vista de investimentos e eficiência produtiva, parece beneficiar-se, no momento, com o câmbio favorável do dólar em relação ao real, e se manter com certo desempenho nos seus negócios. Os demais segmentos têm mostrado preocupante redução nos seus negócios. Mais do que nunca, a sinalização do governo por um norte, que possa convencer empresários e investidores nacionais e internacionais de que a economia brasileira pode entrar no caminho correto da recuperação, se torna condição impar para evitar uma derrocada ainda maior dos vários setores da economia.

Segmento de Celulose e Papel

Ao longo dos meses de janeiro a abril de 2016, o segmento de celulose não apresentou bom desempenho, com os seus preços em queda. Por sua vez, o segmento de papel apresentou resultados favoráveis, com os seus preços permanecendo relativamente constantes.

No período de janeiro a abril de 2016, as exportações do segmento de celulose e papel somaram US\$2.669,9 milhões, crescimento de 11,5% em relação ao mesmo período de 2015. Por sua vez, as importações para o mesmo período deste ano reduziram-se em 44%, aproximadamente, em relação ao mesmo período de 2015.

Ainda em 2016, foram observadas pequenas reduções nas exportações e importações brasileiras de celulose devido à desaceleração da economia doméstica e a de alguns países importadores do produto brasileiro. Porém, de março a abril de 2016, observou-se um aumento de 8,7% nas exportações nacionais do produto (Quadro 1).

As exportações nacionais de papel, por outro lado, aumentaram (Quadro 1), o que pode ser devido à expansão do consumo de papéis sanitários e embalagens, sobretudo em países emergentes, com destaque especial para a China.

Quadro 1 – Exportações e importações brasileiras de celulose e papel, janeiro a abril de 2016

Período (mês)	Celulose		Papel	
	Exportações (milhões US\$/FOB)	Importações (mil US\$/FOB)	Exportações (mil US\$/FOB)	Importações (mil US\$/FOB)
Jan/16	490,9	29,0	141,2	61,3
Fev/16	575,4	25,0	285,9	53,5
Mar/16	403,2	26,0	179,3	63,9
Abr/16	438,2	25,0	155,8	56,4
Variação (% ao mês)	-1,3	-4,5	17,4	-1,7

Fonte: MDIC (2016), elaborado pelos autores.

Os preços da celulose apresentaram uma tendência de queda, de janeiro a abril de 2016, e os preços do papel mantiveram-se estáveis neste período. Em São Paulo, de janeiro a abril de 2016, os preços da celulose reduziram-se em 2,3% e os preços do papel *offset* apresentaram um pequeno acréscimo, 0,8%. Já os preços do papel *cut size* permaneceram-se estáveis (Quadro 2).

No mesmo período de 2015, observaram-se resultados melhores. Os preços da celulose de janeiro a abril de 2015 tiveram aumento de 0,9% e os preços do papel *offset* e *cut size* aumentaram 0,9% e 0,7%, respectivamente.

Quadro 2 – Preço da celulose e do papel, em São Paulo, janeiro a abril de 2016

Preço	Celulose (US\$/ton.)	Papel <i>offset</i> (R\$/ton.)	Papel <i>cut size</i> (R\$/ton.)
Jan/16	789,5	3.638,7	3.666,0
Fev/16	778,9	3.656,4	3.666,0
Mar/16	765,1	3.680,7	3.666,0
Abr/16	736,9	3.723,7	3.666,0
Varição (% ao mês)	-2,3	0,8	0

Fonte: CEPEA (2016), elaborado pelos autores.

Com relação às expectativas, estas parecem otimistas em meio à crise econômica por qual passa o país, considerando os investimentos que estão sendo realizados e planejados para o futuro.

No caso da Suzano Papel e Celulose, por exemplo, além da modernização e do aumento da produção de celulose da unidade Mucuri, está prevista a construção de uma unidade de fabricação de bobinas para conversão de papel higiênico, um novo segmento de atuação da empresa. As obras começam no segundo semestre deste ano e o início das operações está previsto para o final de 2017. O investimento é de R\$700 milhões, com geração de 1.150 empregos diretos nas obras civis, e 50 novos postos de trabalho que se somarão aos 2,4 mil já existentes naquela unidade fabril.

A CMPC Celulose Riograndense deve investir ainda mais em sustentabilidade e melhorias de processos durante este ano, com a injeção de R\$200 milhões na antiga planta (linha 1) em Guaíba. Uma pequena parte destes recursos será utilizada em aperfeiçoamentos da linha 2, que opera desde maio de 2015 no mesmo complexo fabril da empresa. Paralelamente, R\$20 milhões serão injetados em obras de instalação de um terminal para o transporte de toras de eucalipto no porto de Pelotas.

Segmento de Madeira Processada

Neste mês de abril de 2016, as exportações de madeira e derivados foram de US\$190,5 milhões, representando uma queda de 5,8% em relação ao mês anterior. Já as importações de abril de 2016 foram de US\$7,4 milhões, representando uma redução de 30,1% em relação ao mês anterior. Portanto, o saldo na balança comercial de abril de 2016 teve também queda de 4,5% em relação ao mês anterior, alcançando US\$183,1 milhões. No acumulado do ano de 2016, de janeiro a abril, as exportações totalizaram US\$721,8 milhões, apresentando uma redução de 8,5%, quando

comparadas às do mesmo período do ano passado, indicando uma retração nas atividades do setor. As importações de janeiro a abril de 2016 totalizaram US\$34,6 milhões e foram 16,5% menores em relação às do mesmo período de 2015. Assim, o saldo acumulado da balança comercial de 2016 é de US\$687,2 milhões, 8% menor que igual período do ano passado. Portanto, o segmento de madeira processada apresentou, neste primeiro quadrimestre, um desempenho inferior aos registrados no ano passado (Quadro 3).

Quadro 3 – Balança comercial brasileira para madeira e derivados (capítulo 44) de janeiro a abril de 2015 e 2016, em US\$1.000

Mês	2016			2015			Variação % entre os anos		
	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo
Jan	151.606	10.225	141.381	161.095	11.579	149.516	-5,9	-11,7	-5,4
Fev	177.655	6.362	171.293	180.993	9.079	171.914	-1,8	-29,9	-0,4
Mar	202.099	10.596	191.503	236.351	9.965	226.386	-14,5	6,3	-15,4
Abr	190.465	7.404	183.061	210.225	10.775	199.450	-9,4	-31,3	-8,2
Acumulado	721.824	34.587	687.237	788.664	41.399	747.265	-8,5	16,5	-8,0
Variação % entre Abr e Mar	-5,76	-30,13	-4,41	-11,05	8,13	-11,90			

Fonte: MDIC (2016), elaborado pelos autores.

De modo geral, todo o segmento de madeira processada parece estar buscando uma saída para a crise e as indústrias exportadoras estão procurando se reinventar. No início deste mês de maio, em reunião do Conselho Temático de Negócios Internacionais da Fiep, o superintendente da Abimci, Paulo Pupo, comentou que são necessárias ações que contribuam para a melhoria da competitividade da indústria paranaense e sua sustentabilidade no mercado internacional. “Precisamos agir de forma assertiva para alcançar algum avanço no mercado internacional. Não podemos esperar ações do governo em relação aos acordos de livre comércio. Temos muitos desafios pela frente, como as diversidades de regras entre os portos, que dificultam o trabalho e o envio das mercadorias, as inconsistências políticas e más escolhas da política econômica brasileira, além das barreiras técnicas e comerciais que estão atreladas ao acesso a mercado”, afirmou Pupo. Ele lembrou, ainda, a importância do

crédito para exportação, já que seriam necessárias novas modalidades e prorrogação dos contratos vigentes, por exemplo (ABIMCI, 2016).

Na avaliação do gerente de Economia, Fomento e Desenvolvimento da Fiep, Marcelo Percicotti, perdemos a capacidade de planejamento, pois não temos políticas de incentivos e há uma fragilidade muito grande em relação ao mercado externo. “Falta de visão de longo prazo. Ficamos 45% menos competitivos ano passado, com a desvalorização do Real frente ao Dólar. Uma variável chave para a industrialização de um país”, afirmou (ABIMCI, 2016).

Segmento de Produtos Florestais Não-Madeireiros

No acumulado de 2016, de janeiro a abril, as exportações brasileiras de ceras vegetais, mate, castanha de caju, castanha do brasil, taninos e borracha natural totalizaram US\$110,2 milhões, sendo 12,2% menor que igual período de 2015. Por sua vez, as importações de janeiro a abril deste ano, apresentaram queda percentual maior (28%), quando comparadas às do mesmo período do ano anterior, passando de US\$104,4 milhões (em 2015) para US\$75,1 milhões (em 2016).

A maior variação no acumulado das exportações foi observada na borracha natural, seguida dos taninos. Já nas importações, a maior variação aconteceu com os valores referentes à castanha de caju, seguida das ceras vegetais (Quadro 4).

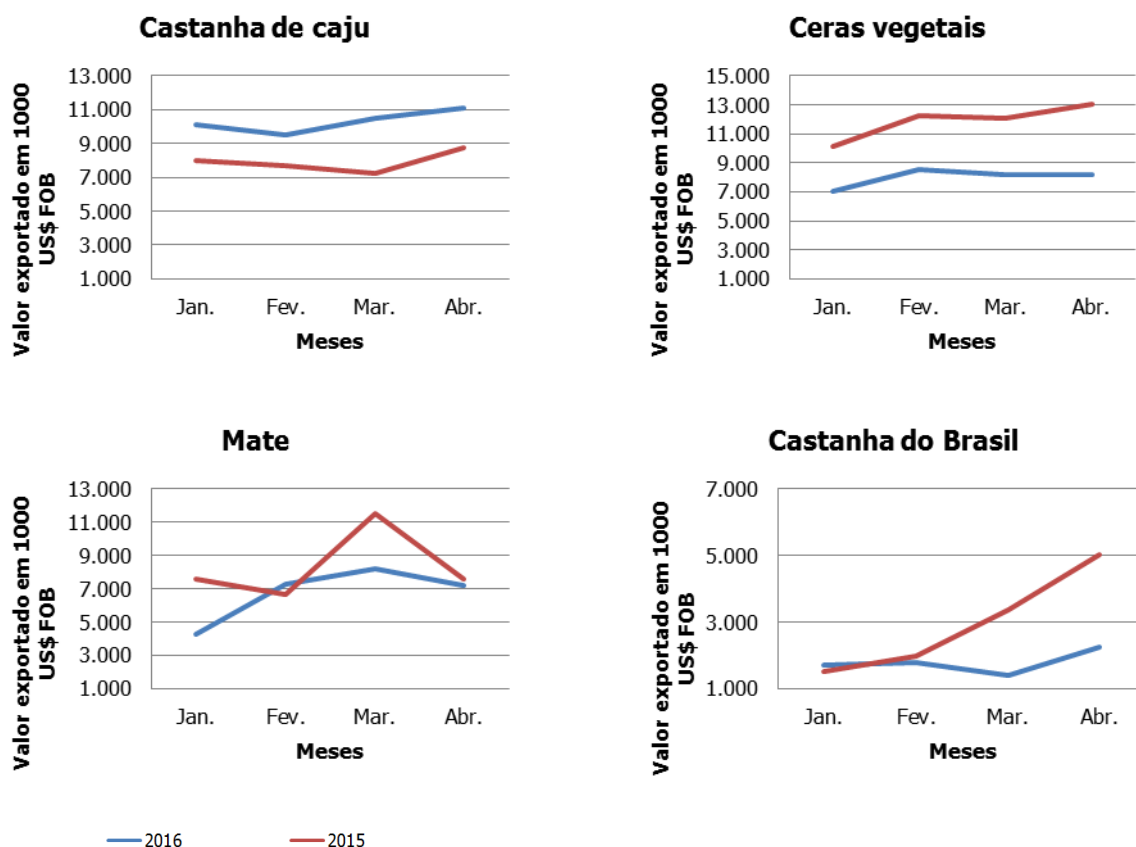
Quadro 4 – Exportações e importações brasileiras dos PFNM’s selecionados, de janeiro a abril de 2015 e 2016, em 1.000 US\$ FOB

Produto não madeireiro	Meses	Exportação			Importação		
		2016	2015	Variação 2016-2015	2016	2015	Variação 2016-2015
Ceras vegetais	Jan-Abr	31.959	47.405	-32,6%	182	610	-70%
Mate	Jan-Abr	26.948	33.417	-19,4%	33	98	-66%
Castanha de caju	Jan-Abr	41.185	31.635	30,2%	816	142	474%
Castanha do Brasil	Jan-Abr	7.136	11.876	-39,9%	113	290	-61%
Taninos	Jan-Abr	1.752	1.084	61,6%	1.130	1.570	-28%
Borracha natural	Jan-Abr	1.259	71	1.668,7%	72.844	101.655	-28%

Fonte: MDIC (2016), elaborado pelos autores.

Os valores das exportações mensais, de janeiro a abril, comportaram-se de maneira distinta para a castanha de caju, ceras vegetais, mate e castanha do brasil. Em todo o período analisado, somente as exportações de castanha de caju de 2016 superaram às de 2015. As ceras vegetais apresentaram situação oposta a esta (exportação de 2016 inferior à de 2015). As exportações do mate e da castanha do brasil, a partir de fevereiro de 2016, também foram menores daquelas de 2015 (Figura 1).

Nas exportações de março para abril de 2015 houveram reduções de 14,8% no valor da borracha natural (de US\$585,4 mil para US\$498,5 mil), de 12,7% do mate (de US\$8,2 milhões para US\$7,2 milhões), de 9,1% dos taninos (de US\$439 mil para US\$399 mil) e de 0,03% das ceras vegetais. Em contrapartida, houveram aumentos de 61,5% nas exportações de castanha do brasil (de US\$1,4 milhões em março para US\$2,2 milhões em abril) e de 5,4% nas de castanha de caju (de US\$10,5 milhões em março para US\$11,1 milhões em abril) (Figura 1).



Fonte: MDIC (2016), elaborado pelos autores

Figura 1 – Exportações brasileiras dos PFNMs selecionados, de janeiro a abril de 2015 e 2016.

No mês de abril deste ano, o Brasil vendeu para o mercado exterior 7,4 mil toneladas de produtos florestais não madeireiros (PFNMs) selecionados, representando um decréscimo de 8% em relação ao mês anterior. No entanto, em termos monetários o valor exportado em abril (US\$29,6 milhões) foi 0,8% maior que no mês de março (US\$29,3 milhões).

A tendência de redução nas importações dos PFNMs selecionados foi interrompida no mês de abril pelo aumento de 33,2% em relação ao mês anterior. Desse modo, em abril, foram importados US\$22,4 milhões. O saldo da balança comercial foi, aproximadamente, US\$7,2 milhões.

Segmento Moveleiro

Quedas nas vendas ao varejo, na produção, nas exportações e nas importações é o quadro que se apresenta, entre março e abril de 2016, para o segmento moveleiro brasileiro.

Internamente, segundo IBGE, em março de 2016, na comparação com igual mês do ano anterior, o volume de vendas no varejo do segmento de móveis teria contribuído com 13,8% para o recuo da taxa global do comércio varejista brasileiro que foi de 5,7%. Na produção, ainda segundo IBGE, em março de 2016, o segmento foi um dos que apresentaram maior índice de queda, contribuindo, sobremaneira, para a queda do índice geral da produção industrial nacional (-11,4%) e também apresentou uma queda de 17,9% em relação ao mesmo mês de 2015.

Externamente, o volume exportado anualmente pelo país vem, praticamente, caindo ano a ano, conforme Quadro 5, que mostra o comportamento das exportações de 2009 a 2016.

Em relação ao ano corrente (Quadro 6), em abril, as vendas para o exterior totalizaram US\$33 milhões, aproximadamente, representando uma queda de 8% em relação às do mesmo período de 2015 e uma queda de 6% em relação as vendas ocorridas no mês de abril de 2015.

Quadro 5. Valor das exportações totais de móveis no período de 2009 a 2015 (US\$1.000)

Anos	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Exportações	494.043	517.946	456.227	441.865	437.382	457.716	410.523

Fonte: MDIC (2016), elaborado pelos autores.

Quadro 6 - Exportações e importações brasileiras totais de móveis de jan. a abr. de 2015 e 2016 (US\$1.000 FOB)

Meses	Exportações totais		Variação	Importações totais		Variação
	2015	2016	2015-2016	2015	2016	2015-2016
Jan	25.064	22.527	-10%	1.994	1.408	-29%
Fev	30.901	32.562	5%	1.497	1.469	-2%
Mar	44.672	30.606	-32%	2.335	1.261	-46%
Abr	35.287	33.220	-6%	2.142	1.646	-23%
Total	134.717	123.920	-8%	7.989	5.785	-28%

Fonte: MDIC (2016), elaborado pelos autores.

As importações brasileiras de móveis somaram, no acumulado de janeiro a abril de 2016, o total de US\$5,8 milhões e representaram um valor 28% menor do que o acumulado no mesmo período de 2015. Desde o início deste ano, de janeiro até abril de 2016, as importações totais de móveis vêm se apresentando em queda. No mês de abril, especificamente, essas caíram 23% em relação às do mesmo mês de 2015.

O desempenho desfavorável em que se encontra o segmento moveleiro brasileiro é devido a fatores diversos relacionados à deterioração da economia nacional nos últimos anos, principalmente daqueles relativos a estrutura de produção e consumo. A baixa competitividade do produto nacional é reflexo, em grande parte, desse desempenho deficiente do segmento e da economia nacional. Apesar dos esforços do empresariado (através de inovação, marketing e promoção de eventos) e dos estímulos governamentais (em geral temporários) para superar os gargalos existentes e promover o crescimento, não se tem tido sucesso com os mesmos. A busca por novos arranjos institucionais de aumento de vendas deve ser foco da atenção dos líderes do segmento, que não devem contar apenas com medidas políticas e câmbio, eventualmente favoráveis, para um crescimento sustentável dos negócios.

Segmento de Carvão Vegetal para Siderurgia

Após considerável recuperação no mês de março, os preços médios do carvão vegetal apresentaram-se praticamente estáveis no mês de abril. O Norte de Minas e a Grande BH não tiveram alterações nos preços (ambos R\$480 a tonelada). A região de Sete Lagoas que teve o maior aumento percentual nos últimos meses, apresentou queda no preço de 4,8% em abril (de R\$525 em março para R\$500 por tonelada em abril). Em Divinópolis, o produto foi comercializado a R\$470 a tonelada (valor 2,1% superior a março).

As vendas de produtos siderúrgicos ao mercado brasileiro apresentaram queda de 10,9% em abril. O consumo aparente nacional para o mesmo mês foi de 1,5 milhões de toneladas de produtos siderúrgicos, 24,3% menor que o mesmo mês do ano anterior. No acumulado até abril, o consumo aparente alcançou 5,8 milhões de toneladas, 28,0% menor quando comparado ao mesmo período de 2015.

Quanto às vendas internas, o resultado de abril de 2016 foi de 1,4 milhões de toneladas de produtos siderúrgicos, redução de 10,9% em relação a abril de 2015. As vendas acumuladas no ano caíram 20,3%, totalizando 5,4 milhões de toneladas em relação ao mesmo período do ano passado.

As exportações de produtos siderúrgicos em abril de 2016 atingiram 1 milhão de toneladas (US\$383 milhões), representando crescimento de 59,9% em volume e crescimento de 6,1% em valor, quando comparadas a abril de 2015.

As importações, devido ao fraco consumo de aço no país decorrente da crise econômica, apresentaram queda de 66,4% em relação a abril de 2015, totalizando 112 mil toneladas (US\$126 milhões).

A produção brasileira de aço bruto em abril (2,3 milhões de toneladas) foi a menor dos últimos sete anos, apresentando queda de 20,6% em relação ao mesmo mês do ano passado (Instituto Aço Brasil (IABr)), que representa as usinas siderúrgicas. Com a queda, a produção acumulada no primeiro quadrimestre do ano somou 9,7 milhões de toneladas, 14% menos do que o montante de um ano antes, informou a entidade.

A produção de abril foi a menor para um único mês desde julho de 2009, quando o setor registrou volume de 1,9 milhões de toneladas. A queda ocorreu em meio à redução da capacidade do parque produtivo do setor, com a parada de alto-

fornos por siderúrgicas, como Usiminas e Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Na comparação com o mês anterior, o recuo é de 8,2%.

Em relação aos laminados, a produção de 1,6 milhões de toneladas em abril representou uma redução de 20,2%, quando comparada com o mesmo mês do ano passado. Com esses resultados, a produção acumulada de janeiro a abril de 2016 totalizou 9,7 milhões de toneladas de aço bruto e 6,7 milhões de toneladas de laminados, havendo redução de 14,0% e 18,3%, respectivamente, sobre o mesmo período de 2015.

Empresas controladas pelo governo central da China vão cortar a capacidade de produção de aço em 10% entre 2016 e 2017. A capacidade de produção de carvão mineral também será reduzida em 10% nestas empresas durante o mesmo período. Com a diminuição da produção de aço e da matéria-prima mineral, espera-se um aumento do consumo da matéria-prima florestal e valorização tanto do carvão vegetal, quanto do aço nacional.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Thaís Furtado Mendes – Gestora do Agronegócio, M.Sc. em Ciência Florestal

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Lyvia Julienne Sousa Rêgo – Eng. Florestal M.Sc. em Ciência Florestal

*** Permitida a reprodução desde que citada a fonte.**